**UM OLHAR SOBRE O TRABALHO DESENVOLVIDO PELO PEDAGOGO DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Maria Miraíre Pereira Silva

Professora da Educação Básica.

[miraire@hotmail.com](mailto:miraire@hotmail.com)

Ma. Iandra Fernandes Pereira Caldas

Professora do DE/CAMEAM/UERN

[iandrafernandes@hotmail.com](mailto:iandrafernandes@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo compreender como o pedagogo do sexo masculino se constitui professor na Educação Infantil em uma profissão que historicamente foi caracterizada como tipicamente feminina. Para tal desiderato, a pesquisa adota dois percursos: o teórico-bibliográfico e o empírico. No primeiro, trazemos uma revisão bibliográfica da literatura produzida sobre o assunto abordado, no segundo momento realizamos uma pesquisa de campo, utilizando como instrumento para construção dos dados o uso do questionário que foi aplicado a um professor que atualmente integra o ensino infantil em creche na cidade de Pau dos Ferros/RN, a fim de analisar quais os desafios que este encontrou e ainda encontra no exercício da profissão. Partindo dessa premissa, pudemos compreender que, na Educação Infantil, a presença feminina é maioria, portanto, falar de gênero na escola e na educação se configura numa discussão bastante pertinente e necessária, contudo pouco discutida.

**Palavras- chave:** Educação Infantil. Profissão. Gênero.

**INTRODUÇÃO**

O magistério da Educação Infantil tem se configurado ao longo de sua história, como um espaço marcado fortemente pela presença das mulheres. Essa presença marcante das professoras na educação de crianças pequenas, e a raríssima participação do sexo masculino nessa modalidade de ensino, têm provocado algumas discussões acerca da inserção dos homens na Educação Infantil, uma vez que, esse assunto envolve algumas questões relacionadas às relações de gênero e poder, que foram construídas ao longo da história do magistério.

Sob esse olhar, a discussão de gênero sempre esteve presente na escola e discutir sobre a presença dos homens no ensino, abre um leque de questionamentos, uma vez que, ainda é bastante escassa, principalmente quando voltamos o olhar para o trabalho com crianças pequenas, encontramos uma pequena bibliografia sobre o tema. Assim, é necessário aprofundar estudos que venham discutir sobre questões de gênero na docência, na busca de caminhos que ajudem a desmistificar a ideia de que o magistério é uma profissão feminina, e, portanto, um homem mesmo tendo formação, não consegue cuidar/educar crianças da mesma maneira que uma mulher, uma vez que, a educação de crianças pequenas ainda está muito associada ao âmbito do trabalho doméstico e à esfera reprodutiva, sendo, dessa forma, naturalizada como área de atuação feminina.

Partindo dessas afirmações, o presente trabalho teve como objetivo investigar a atuação do professor homem na Educação Infantil, no intuito de contribuir para desmistificar as diferenças em torno do trabalho desenvolvido por homem e por mulher e com visões atribuídas a esses sujeitos em função das diferenças sexuais, mostrando assim, que o homem é capaz de exercer a profissão de igual para igual, pois a educação tem muito a ganhar com a atuação masculina, haja vista que esta deve ser exercida por pessoas qualificadas e preparadas para o exercício da docência, independente do sexo.

O presente trabalho adotou dois percursos: o teórico-bibliográfico e o empírico. No primeiro momento tivemos como fonte de embasamento teórico, autores que discutem a relação entre docência e gênero, a exemplo de Almeida(1998), Cardoso (2004), Louro (2003), Louro (2008), Rabelo (2008) e Rabelo (2013). No segundo momento, realizamos a pesquisa empírica, utilizando como técnica para coleta de dados um questionário com perguntas subjetivas, destinado a um profissional do sexo masculino, que atua como professor efetivo da Educação Infantil, em uma creche da rede pública da cidade de Pau dos Ferros//RN. O sujeito identificado como EF, tem 33 anos de idade, possui 6 anos de atuação na educação, desde seu início na profissão que atua no ensino infantil e atualmente leciona uma turma de Pré II (crianças de 5 e 6 anos de idade).

**BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA PROFISSÃO DOCENTE: DESAFIOS, ESTEREÓTIPOS E AS RELAÇÕES DE PODER**

Durante muito tempo, as mulheres viveram submissas as imposições masculinas, já que se idealizava uma mulher pura, dócil, cheias de valores e princípios. Sob esse viés, a figura da mulher esteve sempre ligada ao ambiente familiar, qualquer atividade ou trabalho que estivesse fora desse ambiente, poderia representar um risco, ou seja, era considerado um desvio das funções sociais (maternidade/domesticidade), que as mulheres desempenhavam. Apesar da necessidade do trabalho para a sobrevivência, as mulheres eram cercadas de restrições e cuidados para que sua profissionalização não descaracterizasse sua feminilidade.

Assim, a educação, durante um longo tempo foi destinada somente aos homens e ministrada também por eles, ou seja, o corpo docente era composto basicamente por professores homens*.* Era função estritamente masculina: os alunos eram do sexo masculino e o ensino era exercido principalmente por religiosos (por padres, como os jesuítas) e por homens que estudavam e eram contratados como tutores pelas pessoas com melhores condições financeiras. Enquanto os homens eram senhores absolutos na educação, as mulheres não tiveram oportunidade para estudar, assim, como nos reporta Louro:

A atividade docente, no Brasil, como em muitas outras sociedades, havia sido iniciada por homens – aqui, por religiosos, especialmente jesuítas, no período compreendido entre 1549 e 1579. Posteriormente, foram os homens que se ocuparam com mais frequência, tanto como responsáveis pelas “aulas régias” – oficiais – quanto como professores que se estabeleciam por conta própria (Louro, 2008, p. 449, grifos da autora).

Esse modelo de ensino relatado acima pela autora, permanece por muito tempo no país. Somente com a proclamação da Independência, surge um discurso oficial voltado para importância da educação para a modernização e desenvolvimento econômico do país, com o intuito de afastar de vez a imagem de um “Brasil atrasado” e “selvagem”. O país vivia entregue ao abandono educacional e grande parte da população nas cidades, povoados e especialmente na zona rural, continuava analfabeta.

Para que se pudesse expandir o ensino para todos e assim atender a demanda, era necessário que o governo investisse nesse setor, entretanto não tinha a pretensão de gastar muito com os professores. Os homens não aceitariam um salário menor, pois exigiam valorização e reconhecimento da sua capacidade intelectual para o ensino, então era necessário que a mulher assumisse esse posto, não pelo salário, mas por sua suposta “vocação” natural para essa profissão.

Assim, o magistério passava a ser visto com uma extensão do lar, e, portanto, a mulher tinha vocação para desempenhá-lo, e foi aos poucos ganhando aceitação da sociedade, contudo essa “vocação” deveria ser regida por regras e condutas, como nos mostra o pensamento de Almeida:

A possibilidade de aliar ao trabalho doméstico e à maternidade a uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que "ser professora" se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se, a princípio, temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais. Ensinar crianças foi, por parte das aspirações sociais, uma maneira de abrir às mulheres um espaço público (domesticado) que prolongasse as tarefas desempenhadas no lar. (ALMEIDA 1998, p. 28).

Portanto, com essa “necessidade” de escolarizar a população precisava-se de mestres com boa formação. As Escolas Normais abriram vagas para homens, mas como estes não supriam essa necessidade, permitiram a entrada das mulheres, que começaram a entrar em maior número para torna-se mestras. Dessa forma, num processo chamado no Brasil de feminização do magistério, as mulheres começaram a exercer e “abraçar” o magistério, principalmente as que provinham de uma situação financeira precária. Contudo, mesmo não sendo uma profissão bem remunerada, ainda assim seria uma garantia de um salário melhor que outras profissões destinadas a elas (governanta, costureira, parteira).

A docência foi migrando das mãos masculinas para femininas, de tal forma que historicamente as mulheres vêm se incumbindo da educação e do cuidado com as crianças, uma vez que, esta foi rotulada como se tivesse “vocação” natural para essa profissão, justamente porque o magistério passou a ser visto com uma extensão do lar, e, portanto, a mulher podia desempenhá-lo eficientemente. De acordo com Rabelo (2013), a profissão foi aos poucos se configurando socialmente como feminina, carregando assim, representações que podem diferenciar as práticas e as escolhas, sendo que muitas delas associam o magistério a figura da mulher e alegam que os professores homens estariam fora de lugar.

A baixa remuneração, a crescente necessidade de mão de obra na indústria que despontava no país, aliada com o crescimento urbano e econômico, assim como a forte presença de moças nos Cursos Normais, contribuíram para o desprestígio social do magistério pela classe masculina e consequentemente resultou no afastamento de uma porção significativa dos homens do ensino, principalmente o primário.

Estes foram em busca de empregos mais bem remunerados, pois com a ampliação das atividades de comércio, maior circulação de jornais e revistas, a instituição de novos hábitos e comportamentos, especialmente ligados às transformações urbanas, estavam produzindo novas e melhores oportunidades de trabalho, a serem preenchidos pela população masculina (Louro, 2003).

É possível identificar que a escola assim como o magistério, eram vistos como um espaço social, marcado incialmente apenas pela presença masculina, e que aos poucos pelos diversos fatores abordados acima, foi caracterizado socialmente como um “trabalho de mulher” e sendo “dominada” pela presença feminina, num processo que envolve as relações de gênero, o que gera atualmente discriminações em relação a presença de homens que atuam nessa profissão.

Assim, podemos afirmar que a sociedade constrói papéis, as chamadas representações sociais, e o gênero surge como uma categoria que pretende elucidar as relações sociais entre os sexos, que são históricas e socialmente produzidas, contribuindo para acentuar a divisão no que são julgados como práticas masculinas e femininas, estabelecidas e postas conforme as concepções de cada sociedade.

## **O TRABALHO DESENVOLVIDO PELO PEDAGOGO DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:CONSTANTES E DESAFIOS**

Historicamente a educação das crianças pequenas vem sendo, em grande parte das culturas, atribuída a figura feminina, o que proporciona certa polêmica em torno do trabalho docente masculino na Educação Infantil e nas séries iniciais, que tem a incumbência de educar e ao mesmo tempo cuidar das crianças. Em outras palavras, a Educação Infantil, encontra-se, associada à figura feminina e à maternagem. Desse modo, muitos são os entraves que se apresentam aos homens, que rompem as fronteiras de gênero nas profissões e ousam optar por esse espaço que historicamente, se tornaram redutos das mulheres. Sob essa ótica, questionamos ao sujeito EF, o que levou a optar pelo trabalho na docência e posteriormente pela Educação Infantil, tivemos o seguinte relato:

*Quando terminei a minha graduação e especialização, me sentia muito instigado a pesquisar sobre a primeira infância. Então surgiu a oportunidade de um concurso em que fui aprovado, porém acreditava que não iriam me deixar em sala de aula pelo o preconceito que sempre existiu na educação infantil, acreditava que me colocariam como professor suporte, e apesar do meu receio, fui inserido direto em sala de aula e já me identifiquei desde o início. (EF, 2018).*

É possível perceber na análise do seu relato, que o sujeito reconhece os preconceitos historicamente construídos sobre a atuação masculina na E.I, fato esse que segundo Rabelo (2013), a profissão foi aos poucos se configurando socialmente como feminina, carregando assim, representações que podem diferenciar as práticas e as escolhas, sendo que muitas delas associam o magistério à figura da mulher e alegam que os professores homens estariam fora de lugar. Contudo, mesmo o homem podendo ser vítima de preconceito ao se inserir nessa profissão estando muitas vezes, expostos a uma variedade de opiniões, atitudes e crenças em torno da aceitação ou recusa da ideia de que o trabalho com crianças possa ser desenvolvido por ele, o sujeito mostra claramente uma identidade com a profissão e com a área na qual atua.

Assim, quando questionado sobre seu ingresso na docência na Educação Infantil, se vivenciou alguma situação de preconceito, seja por parte do corpo da escola e/ou pelos pais, tivemos a seguinte resposta:

*Muitos colegas de trabalho estranham a situação de um homem na educação infantil. Quando iniciei, me sentia às vezes um invasor no espaço de muitas professoras e até hoje em dia nas reuniões de encontros educacionais, só existem dois homens em meio a uma grande maioria de professoras. Assim, preconceito não, mais muitas professoras indiretamente já falaram a respeito da estranheza pela presença masculina na educação infantil.” (EF,2018).*

Assim, diante desse panorama, em uma realidade que podemos considerar complexa, com diversos olhares e cheio de conflitos para a inserção desse profissional, a escola em seu interior, mesmo que de forma indireta, ainda reproduz e reforça as relações de gênero presentes na sociedade, ou seja, ainda persistem as diferenças de atribuições e de valorização social do trabalho realizado entre os homens e as mulheres

A esse respeito, destacamos ainda o pensamento de Cardoso (2004), pois observa que, a chegada de um homem para trabalhar como professor de crianças pequenas, acaba sendo visto como sujeito desviante que foge ao padrão convencional, o que acaba suscitando questionamentos acerca da sua sexualidade, pois só existe uma forma de ser masculino e feminino, uma singularidade, ignorando-se assim os sujeitos que não se enquadram nesta. Quando indagado sobre esse ponto, o sujeito EF fez o seguinte relato:

*Uma vez um professor de cursinho disse em sala de aula que o curso de pedagogia era voltado para mulheres, me senti um pouco constrangido no momento. Em outro situação, uma professora usou a expressão, se o professor de educação infantil seria “coca ou fanta”, questionando nas entrelinhas a orientação sexual do professor de educação infantil. (EF, 2018).*

Sob esse viés, podemos perceber de forma explícita, que para o entrevistado, optar por uma carreira considerada socialmente como "feminina" se mostrou como um "sinal" de "atravessamento de fronteiras" e, por isso, foi alvo de brincadeiras preconceituosas em torno da sua orientação sexual, durante os cursos de formação inicial e em suas trajetórias docentes. Na visão de Rabelo (2013), esses preconceitos e discursos que ainda frequentam a sociedade contemporânea, são infelizmente, reafirmados no cotidiano escolar, pois quando inserido dentro da sala de aula, o pedagogo homem de início é posto à prova e incentivado a demonstrar que têm competência.

Contudo, nos últimos anos, tem-se notado, mesmo que forma “tímida”, uma pequena mudança no cenário do magistério da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois já encontramos um pequeno indício da figura masculina nessas modalidades de ensino. Percebe-se ainda uma maior procura dos homens nos cursos de formação docente, mas quando comparado ao número de mulheres, estes são ainda uma minoria. Considerando essa perspectiva, ao questionarmos ao sujeito da pesquisa o porquê de ainda encontramos pouquíssimos professores do sexo masculino na docência, principalmente quando voltamos nosso olhar para a Educação Infantil, tivemos a seguinte resposta:

*Acredito que por todos os fatores já citados, como o preconceito por exemplo, dificulta muito a demanda da presença masculina na educação infantil. Acredito também que quando queremos estar inseridos na educação, precisamos ser estudiosos e pesquisadores, para quando nos deparar com alguma situação constrangedora, possamos estar preparados para seguir com um bom desempenho em nossa profissão. (EF, 2018).*

Sob essa ótica, é possível perceber a partir do relato acima, que a presença de homens no ensino infantil mobiliza uma variedade de opiniões, atitudes e crenças em torno da aceitação ou recusa da ideia de que o trabalho com crianças possa ser desenvolvido por homens. O sujeito dela explícito de forma clara e suscita, que a melhor forma de prevenir qualquer tipo de preconceito e limitação, é desenvolver o trabalho com profissionalismo, se constituindo em um profissional pesquisador.

É preciso entender que mais do que apenas uma vocação, sacerdócio ou missão, à docência implica antes de tudo em uma profissão, que exige profissionais qualificados/preparados e comprometidos com seu papel social no auxílio à formação de cidadãos, independentemente de seu gênero ou das características rotuladas predominantemente como femininas e masculinas. Portanto, nas palavras da autora Rabelo (2013), a presença de professores do sexo masculino no magistério é uma forma de inserir as questões de gênero na educação, demonstrando que o homem também pode escolher essa atividade com sucesso e evidenciar que a aptidão para o magistério não depende do sexo.

Reconhecendo a necessidade de construção de uma escola inclusiva, cidadã, solidária e sem privilégios de sexo e gênero, onde o pedagogo do sexo masculino deve ser respeitado, independentemente de sua raça, estereótipos, condição social e outros, é de suma importância que a escola reafirme o compromisso com este profissional, buscando repensar o papel da educação na tentativa de (des) naturalizar essas relações sexistas tão marcantes na docência e na sociedade. Quando indagado sobre qual o papel da escola na superação dessas barreiras e preconceitos, o sujeito EF enfatizou que:

*Quando a escola promove uma educação igualitária já na primeira infância, a criança vai crescendo também com esse olhar de igualdade entre os seres, isso acontece inteiramente na rotina da educação infantil, onde os pequenos ensinamentos objetivam gerar a cidadania de todos, sem diferenças entre gêneros ou algo do tipo. (EF, 2017).*

Louro (2008) reforça o pensamento desse sujeito, ao dizer que a escola, é um espaço de formação privilegiado, quando comparado às demais instâncias e instituições sociais, pois é atravessada pelos gêneros em suas mais diversas manifestações, e portanto o contexto educacional precisa dessa mistura. É algo muito complexo essa diferenciação entre os gêneros, mas muito presente em cada metro quadrado do espaço social, já que a clássica divisão de papéis sociais entre homens e mulheres ainda não se encontra totalmente superada.

Nas palavras de Rabelo (2008) ainda perpetua na docência até os dias atuais, os discursos defensores das qualidades “femininas” para o exercício desta profissão, interligado com um aumento dos discursos contra a escolha masculina pela docência principalmente no Brasil. Sob essa ótica, discutir gênero é indispensável no rompimento e superação desses papeis sociais enraizados na relação de poder, mostrando que pode existir igualdade e respeito na sociedade e na cultura escolar, contribuindo assim, para (des) naturalizar e (des) construir as relações de gênero, que acabam por gerar dicotomias, diferenças e discriminação entre homens e mulheres, principalmente quando estas voltam o olhar para a profissão docente.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante as reflexões apresentadas, podemos afirmar que o magistério correspondia a um sacerdócio, ou a uma extensão do trabalho doméstico produziu implicações históricas e culturais que ainda repercutem na educação e posteriormente no preconceito com os professores do sexo masculino atuantes, sobretudo na Educação Infantil.

As análises de suas respostas do sujeito abordou, em particular, os desafios enfrentados pelo fato de ser homem trabalhando nesse nível de ensino, constatando que seu ingresso e permanência na profissão foram marcados por dificuldades e olhares, entretanto em suas respostas fica evidente sua identificação com a docência e com o trabalho desenvolvido nessa etapa da educação básica.

Assim, traçar um olhar mais aguçado em torno das questões de gênero e das representações sociais relacionadas aos profissionais docentes no ensino básico, pode ajudar a desconstruir preconceitos socialmente construídos e a valorizar a formação docente. Desse modo, incentivar/instigar a simples presença do professor homem em sala de aula, ajuda a reforçar aos alunos que ambos os sexos, podem seguir com sucesso a carreira de professores desde que tenham conhecimentos e preparação para tal, sem distinção nenhuma.

Reconhecemos ainda, a necessidade de se intensificar estudos que abordem essa temática de forma direta, uma vez que os estudos atuais sobre a profissão docente, mesmo quando fazem o recorte de gênero, têm seu foco principal direcionado a discussão para o trabalho desenvolvido pelas professoras, pois muito pouco se tem escrito/discutido, no campo educacional, sobre os professores do sexo masculino, levando em consideração suas identidades de gênero. Ainda são poucos os estudos sobre os impactos sobre a presença masculina na educação infantil.

**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP, 1998.

CARDOSO, Frederico Assis. **Homens fora de lugar?** A identidade de professores homens na docência com crianças. Dissertação de Mestrado em Educação, Belo Horizonte: UFMG, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e magistério**: identidade, história e representação. In: CATTANI, Denise et al. (Org.). Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 10 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

RABELO, Amanda Oliveira. **A figura masculina na docência do ensino primário:**Um “corpo estranho” no quotidiano das escolas públicas do Rio de janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal. Universidade de Aveiro Departamento de Ciências da Educação 2008.

RABELO, Amanda Oliveira. Professores discriminados:um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educação Pesquisa**, São Paulo, Ahead of print, abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/2013nahead/aop1132.pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.